
Baker, Mona e Malmkjaer, Kirsten (eds.). *Encyclopedia of Translation Studies*. London & New York: Routledge, 2001, 654 pp.

Em 1998 foi publicada a primeira edição desta 'Enciclopédia dos Estudos da Tradução'. Três anos depois foi publicada a segunda edição, o que sem dúvida se deve ao impacto positivo que teve a primeira. Este sucesso não deve surpreender. Num campo como os Estudos da Tradução, que teve um desenvolvimento explosivo nos últimos trinta anos e em que as publicações não param de se multiplicar, um compêndio em que são discutidas as realizações de três décadas é mais do que bem-vindo. Se uma biblioteca tivesse só um livro sobre Estudos da Tradução, esta Enciclopédia seria uma boa opção.

A Enciclopédia consiste em duas partes. A primeira parte, de umas 290 páginas, consiste em mais de 80 artigos sobre os itens mais correntes na área. Alguns assuntos são: Adaptação, Tradução da Bíblia, Corpora, Equivalência, Tradução livre, Tradução automática, Normas, Teoria polisistêmica, Tradu-

ção do Alcorão, Teoria do Skopos, Legendas, Terminologia e outros. Mona Baker, organizadora da Enciclopédia, assina o artigo 'Translation Studies' e Kirsten Malmkjaer 'Unit of translation' e 'Analytical philosophy and translation'

A segunda parte, de 290 páginas igualmente, consta de artigos históricos e panorâmicos sobre trinta e uma 'tradições', da africana até a turca, passando pela árabe, brasileira, chinesa, alemã, francesa, búlgara, tcheca, islandesa, slovaça e outras. Esta parte é, evidentemente, a mais saborosa e o leitor desajeitado de ler a obra inteira pode alternar com bom proveito os artigos da primeira parte com os da segunda.

Há, finalmente, uma bibliografia de 56 páginas, que reúne uma parte substancial do que foi escrito sobre o tema, e um índice.

A que conclusão se chega depois de ler esse panorama?

Primeiro, que os Estudos da Tradução revolvem até hoje ao redor da antiga distinção tradução literal ou livre, *word/sense*, discussão retomada várias vezes ao longo da história, mais claramente por Schleiermacher, mais moderna e intrinsecamente por Benjamin, mais recentemente por Venuti. Como se sabe, a problemática pode ser

retraçada até Cícero e Sêneca e outros da mesma época.

Segundo, a importância da Bíblia. Sabemos que a tradução da Bíblia teve um papel fundamental no desenvolvimento das línguas ocidentais quando eles saíram dos 'Dark Ages', que agora não são mais chamados assim, mas que no entanto eram um pouco 'dark', sim. Mas lendo a história particular de cada país aparece mais claramente este fato, evidente e esquecido, do impacto de uma tradução —na maioria dos casos de uma tradução vernácula de uma tradução latina ou grega— no desenvolvimento de uma língua. Sabe-se que as línguas no século XV, que é do qual estamos falando, eram massas maleáveis ainda. Podemos pensar no caso apenas acreditável de Thomas Elyot que sozinho, introduziu várias palavras na língua inglesa, palavras tão comuns hoje como *involve*, *exactly*, *loyalty*, *sincerety* e *society* (Green 1996:88, Collison 1982). Mas o impacto da Bíblia, como oportunidade para enriquecer a língua, num intento de 'language engineering' avant la lettre, foi generalizado e talvez único, já que o Alcorão não desempenhou o mesmo papel, nem os textos budistas sânscritos. Isso aparece claramente como um fio vermelho ao longo destes estudos

interessantíssimos das várias tradições nacionais nesta obra de Mona Baker. Muitas vezes estas traduções desempenharam um papel e tiveram uma importância nacional que dificilmente poderia ser igualado hoje. Um exemplo polonês: "Controversies over the translation of the Bible gave rise to the earliest Polish form of translation studies as criticism directed at the representatives of rival denominations gradually developed into theoretical treatises." (p.527) A bíblia, aparentemente, também providenciou o berço para os primeiros estudos da tradução. É interessante constatar, na mesma linha, que a tradução da Bíblia teve seu impacto até na tradução automática (Harold Somers no verbete 'Machine translation, history').

Outra observação que pode ser feita desta leitura das diferentes tradições nacionais é que um número considerável de tradutores pagou com sua vida o atrevimento de traduzir. Uma obra dedicada a esses tradutores mártires certamente seria uma merecida homenagem póstuma.

Apesar da minha impressão excelente desta obra, houve algumas coisas que me surpreenderam:

Uma foi a ausência de um artigo sobre o que é o sentido literal de uma palavra. Já que aparentemente a dicotomia fundamental que agita

os Estudos da Tradução é a oposição 'literal-livre', poder-se-ia esperar que fosse dedicada alguma atenção ao espinhoso problema do que é uma tradução literal de uma palavra. Mais do que nada por causa dos Estudos de Corpora, que surgiram mais ou menos ao mesmo tempo que a última onda de Estudos da Tradução, sabemos que o significado de uma palavra não é sempre evidente e, portanto, a pergunta sobre a equivalência teria que ser posta à luz dessas discussões. A pergunta surge, no entanto, imediatamente para qualquer pessoa com um mínimo de experiência com tradução. Qual a tradução literal de 'Deixa pra lá!?' '¡Deja para allá!' em espanhol? 'Laisse pour là!' em francês? 'Leave it over there?' Poucas pessoas considerariam estas traduções corretas. Não sei também se 'levariam o leitor' até o espírito brasileiro, para colocar a questão num espírito Benjaminiano. Há outros exemplos talvez menos evidentes. Segundo os dicionários, a tradução literal do cumprimento japonês 'itadakimasu' é 'eu recebo', mas a palavra é usada com os sentidos de 'bom apetite'. Não é impossível que algum tradutor ache que é levar o leitor mais perto do original traduzir 'itadakimasu' por 'eu recebo'. A mesma coisa acontece com

'gochisosamadeshita' que, segundo a maioria dos dicionários Japonês-Inglês, significa 'it was a real feast', mas que em português se traduziria corretamente, acho eu, como 'estava ótimo'. (O fato lembra esses ocidentais que, em contato com povos, 'exóticos' desde seu ponto de vista, não perdem a oportunidade de perguntar 'o que significa' os nomes que eles têm, como se nós tivéssemos na ponta da língua o significado de Barros, ou Silva, ou Itamar.) Talvez alguma reflexão como as de John Sinclair sobre o significado primeiro de uma palavra. Sua teoria sobre *core meaning* como sendo 'the most frequent independent sense' (Sinclair 1991:113) poderia ser usada com bom proveito pelos teóricos da tradução.

A segunda coisa que me surpreendeu, como lexicógrafo, foi a ausência de um artigo sobre dicionários, ferramentas de base do tradutor. Será que não há nada a se dizer sobre este assunto? É verdade que há pouca coisa publicada sobre o assunto, embora mais por lexicógrafos do que por tradutólogos. Mas não deixa de surpreender. Os dicionários usados pelos tradutores são monolíngües e bilíngües. Esses últimos contêm sem dúvida problemas relacionados à tradução, já que eles 'são' traduções, não de textos

no sentido estrito da palavra, mas de textos no sentido de conjuntos de frases.

Finalmente, parece estranho que certas abordagens são apresentadas por pessoas simpáticas às correntes que eles apresentam, ou mesmo representantes (Eco sobre Semiótica), quando às vezes escrevem pessoas aparentemente muito críticas ou in-

crédulas com relação à abordagem (Marylin Gaddis Rose sobre falando de 'speculative approaches').

Este livro é uma mina de informações sobre um campo que há muito deveria ter sido oficialmente subdividido em vários outros. Dar um panorama torna-se cada vez mais difícil e esta Enciclopédia conseguiu maravilhosamente bem.

Philippe Humblè
UFSC
